



ISSN 1984-5634

CONTINUIDADES, RUPTURAS E AMBIVALENCIAS: PERSPECTIVAS PARA ESTUDOS SOBRE HIDRARQUIA

CAMILA ACOSTA QUEIROZ¹

Universidade Federal de Santa Maria

EDITOR-CHEFE:

Elisa Schneider Venzon

EDITORA-GERENTE:

Leandro Ferreira Souza

O presente trabalho faz parte de minha atual pesquisa de mestrado que gira em torno das relações de gênero e os desdobramentos das masculinidades na pirataria moderna através da ótica da hidrarquia, com um recorte que compreende a região do Atlântico nos séculos XVII e XVIII. A fonte utilizada é a edição de Manuel Schonhorn (1999) da obra *A General History of The Pirates* (1724), atribuída ao Capitão Charles Jhonson, mas cuja autoria Schonhorn atribui a Daniel Defoe. A obra apresenta um conjunto de biografias de dezessete piratas que circularam pelo Atlântico², incluindo duas mulheres piratas, Anne Bonny e Mary Read. Embora se trate de uma obra de literatura, consideramos que tal documentação é válida para compreender nuances das formas de organização das comunidades piratas, afinal, a escola dos annales já inaugurou a ideia de que “tudo é fonte” (BLOCH, 1949), o que nos resta, enquanto historiadores, é orientar problemas em torno de tais documentos. Neste texto, procuro apresentar a gênese do raciocínio proposto em tal investigação, bem como delinear caminhos interpretativos para os estudos sobre hidrarquia. Nas próximas páginas apresento uma explanação geral sobre o conceito de hidrarquia, e minha proposta interpretativa que relaciona tal conceito com as ideias de Lauren Benton (2010). A partir disso, relaciono essa proposta com as ideias de Joan Scott (1999) e Reawyn Connel (1999) em torno das relações de gênero e masculinidades.³

COMO CITAR:

QUEIROZ, C. A.
Continuidades, rupturas e
ambivalências: perspectivas
para estudos sobre hidrarquia.
Aedos, Porto Alegre, v. 16, n.
35, p. 59-65, jan.–jun., 2024.

<https://seer.ufrgs.br/aedos/>

1 Mestranda em História com financiamento concedido pela CAPES, no Programa de Pós-Graduação em História da Universidade Federal de Santa Maria (PPGH/UFSM), Rio Grande do Sul, Brasil, na linha de pesquisa Fronteira, Política e Sociedade, orientada pelo Prof. Dr. Adriano Comissoli (UFSM). Possui graduação em História (licenciatura) pela mesma instituição. E-mail para contato: camilaacosta1901@gmail.com. ORCID: <https://orcid.org/0009-0006-2131-7981>. Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2532496074321857>.

2 Episódios sobre o oceano Índico também são incluídos na obra, mas em poucas passagens, portanto o cenário destaque é o Atlântico.

3 As ideias apresentadas neste texto são articuladas com mais detalhes em meu artigo *Como se fabrica um homem do mar? Considerações sobre as masculinidades no meio homosocial da pirataria moderna (séculos XVII e XVIII)* atualmente em avaliação pela revista Veredas da História (UFBA).

No livro *Between the Devil and the Deep Blue Sea: Merchant Seamen, Pirates, and the Anglo-American Maritime World, 1700-1750* (1989), o historiador Marcus Rediker analisa as condições de trabalho dos marinheiros na era moderna levando em conta a ordem disciplinar estabelecida nos navios. Rediker destaca que a vida no mar não se resumia apenas à luta contra a natureza, mas sobretudo ao conflito entre os próprios homens, já que o navio era um empreendimento cooperativo, coletivo e hierárquico. Por isso, o título do livro refere-se ao marinheiro moderno que se encontra entre o diabo e o mar profundo, ora subordinado à autoridade do capitão em uma lógica hierárquica, ora enfrentando um espaço naturalmente perigoso para o ser humano. Nesse contexto de tensão, surgiram ideias, táticas e formas de auto-organização que influenciaram a expansão marítima europeia na era moderna.

Em parceria com o pesquisador Peter Linebaugh, o historiador Marcus Rediker propôs uma nova forma de entender os grupos de piratas que surgiram na idade moderna. Em seu livro *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário* (2008), os autores argumentam que a pirataria moderna teve origem na oposição entre o Estado marítimo e a hidrarquia - ou seja, entre o domínio imperial pelos oceanos e a atividade ilegal dos piratas, que desafiavam as coroas. Segundo os autores, os grupos piratas do século XVII eram formados por ex-trabalhadores das marinhas oficiais que se uniram em prol de seus próprios interesses, adotando uma forma de organização conhecida como hidrarquia. Esses trabalhadores do mar combinavam sua experiência em navegação com a coesão baseada no respeito, igualdade e afetividade, organizando-se em grupos independentes da coroa e atuando ilegalmente nos oceanos, desafiando as jurisdições imperiais.

A construção de uma ordem de organização e cultura particulares também tem sua gênese nos contatos entre diferentes culturas e etnias característicos dos navios. A tripulação de Edward Low (primeira metade do século XVIII), por exemplo, era composta por homens de Londres, Connecticut, Virgínia, Irlanda, Nova York, (DEFOE, 1999 [1724]. p. 402-405), enquanto a tripulação de Bartholomew Roberts (primeira metade do século XVIII) era composta por homens vindos do atual País de Gales, Berwick, Plymouth, Bristol, Jersey, Aberdeen, Irlanda, Liverpool e Londres (DEFOE, 1999 [1724], p. 350-353). O cotidiano marcado por esse tipo de interação, portanto, produziu sínteses inovadoras, características dos contatos entre fronteiras culturais e étnicas (KERN, 2016, p. 11). É possível observá-las, por exemplo, através da língua. O *pidgin*, intitulado pelos autores como “a língua essencial do Atlântico no período do tráfico de escravos” (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 166) era fruto da combinação entre inglês náutico, do jargão *sabir* do mediterrâneo, do jargão *hermeticlike* do “submundo” e da construção gramatical da África (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 165-166). Essa forma de comunicação é descrita por linguistas como língua mediadora, um dialeto produzido por culturas em fronteira. Além disso, outros dialetos como o *kriol*, o *gullah* e o *sranan* circulavam por regiões como Camarões, Jamaica e Suriname através dos navios (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 166). Percebe-se, portanto, observam o viés coletivo dessa construção e indicam que através da vivência de trabalho coletivo e cotidiano, os marujos ensinam e aprendem palavras uns com os outros, compreendendo o dialeto comum, de maneira que um marinheiro sempre encontraria uma maneira de perguntar quando seria a próxima refeição (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 166).

Linebaugh e Rediker afirmam que a organização das comunidades piratas era baseada em uma “hidrarquia de baixo para cima”, na qual a hierarquia era estabelecida de forma democrática e igualitária, contrapondo-se às estruturas hierárquicas presentes nas marinhas oficiais e mercantes da

época (LINEBAUGH; REDIKER, 2008, p. 175). O capitão do navio pirata era eleito pela tripulação por meio de votação e sua autoridade dependia do acordo com os demais membros. Além disso, os lucros obtidos eram divididos de forma igualitária entre a tripulação e indenizações eram pagas em caso de ferimentos ou mortes em batalhas. Essa organização foi construída a partir da vivência desses trabalhadores do mar e, assim, a hidrarquia surge como o oposto complementar do Estado Marítimo.

Entretanto, é preciso atentar ao fato de que aqueles que atuavam na predação marítima, muitas vezes, reforçavam as jurisdições imperiais, operando como vetores dos impérios (BENTON, 2010). De acordo com Benton (2010, p. 108), mesmo aqueles que estavam em posição marginal e a uma grande distância territorial ainda mantinham algum tipo de vínculo com a autoridade legal, o que interessava aos soberanos (BENTON, 2010, p. 110). Assim, os navios tinham um papel duplo no oceano, atuando como ilhas de direito, com seus próprios regulamentos e agentes, mas também como vetores da lei imperial empurrados para alto mar (BENTON, 2010, p. 112). Além de ser uma ferramenta de expansão e domínio territorial, a organização interna dos navios oficiais assemelhava-se ao governo imperial. Existe, portanto, uma fronteira tênue entre o que era considerado ilegal, mas alinhado aos interesses de uma coroa, e o que era ilegal e contrário a ela. A prática de atividades criminosas em alto mar não é exclusiva dos piratas ou de forças contrárias às grandes coroas. Na era moderna, a pirataria, o corso e o contrabando foram utilizados como ferramentas de impérios para influenciar o comércio de nações inimigas e controlar territórios marítimos.

Os piratas, portanto, embora tenham estabelecido formas próprias de organização, não recusaram o mundo “oficial” por completo⁴, muitas vezes se associando à autoridades imperiais, agindo em parceria. Em *General History*, podemos observar esse fenômeno no caso do capitão Angria, um pirata indiano, que se associava à autoridades imperiais a fim de garantir sua segurança:

Angria é um famoso pirata indiano, de considerável força e territórios, que dá contínua perturbação ao comércio europeu (e especialmente ao inglês): Seu comandante principal é Callaba, não muitas léguas de Bombaim, e tem uma ilha em vista daquele porto, onde ele ganha freqüentes oportunidades de irritar a Companhia. Não seria uma dificuldade tão insuperável para suprimi-lo, se a água rasa não impedisse que os Navios de Guerra se aproximassem: E uma Arte melhor que ele tem, de subornar os Ministros de Proteção do Mogul, quando ele acha um Inimigo muito poderoso. (DEFOE, 1999 [1724], p. 188, tradução nossa)⁵

Embora as tripulação de Low e Roberts, mencionadas anteriormente, fossem compostas por homens de diferentes regiões, culturas e etnias, o gênero, além da classe, também tinha papel uniformizante. Considerando que o gênero sustenta a organização social de diferentes comunidades, nessa pesquisa, o consideramos como uma categoria de análise histórica, nos moldes do que propõe Joan Scott (1999). Neste texto, proponho observar o caso de Anne Bonny e Mary Read a fim de compreender uma das nuances da construção das masculinidades a bordo do navio do Capitão John Rackman. Afinal, seguindo a perspectiva em questão, o masculino só pode ser compreendido quando

⁴ A perspectiva de oposição total entre cultura pirata e cultura oficial pode ser percebida no trabalho de Burg (1995) por exemplo.

⁵ No original: “Angria is a famous Indian Pyrate, of considerable Strength and Territories, that gives continual Disturbance to the European (and especially the English) Trade: His chief Hold is Callaba, not many Leagues from Bombay, and has one Island in Sight of that Port, whereby he gains frequent Opportunities of annoying the Company. It would not be so insuperable a Difficulty to suppress him, if the Shallowness of the Water did not prevent Ships of War coming nigh: And a better Art he has, of bribing the Mogul’s Ministers for Protection, when he finds an Enemy too powerful.” (DEFOE 1999 [1724], p. 188)

relacionado ao feminino e vice-versa (TORRÃO FILHO, 2005, p. 19), de maneira que tais relações fabricam, em parte, outras configurações sociais, como o trabalho, por exemplo.

Anne Bonny e Mary Read foram duas mulheres que se infiltraram no mundo dos piratas disfarçadas de homens, mantendo seus verdadeiros gêneros em segredo. Elas só decidiram revelar suas identidades quando consideraram necessário ou conveniente. Um exemplo disso é Mary Read, que escolheu contar a verdade sobre si mesma quando se apaixonou por um companheiro marinheiro, conforme indicado por Defoe em uma de suas passagens:

[...] mas não há nada mais engenhoso do que o amor, não foi difícil para ela, que já havia sido praticada nessas artimanhas, encontrar uma maneira de deixá-lo descobrir seu sexo: ela primeiro se insinuou em seu gosto, falando contra a Vida de um Pirata, à qual ele era totalmente avesso, então eles se tornaram Mes-Mates e Companheiros estritos: Quando ela descobriu que ele tinha uma Amizade por ela, como Homem, ela permitiu que a Descoberta fosse feita, por descuido mostrando seus seios, que eram muito brancos. O jovem companheiro, que era feito de carne e osso, teve sua curiosidade e desejo tão aumentados por esta visão, que ele nunca cessou de importuná-la, até que ela confessou o que era. (DEFOE, 1999 [1724], p. 218-219, tradução nossa)⁶

Defoe também descreve como Mary Read e Anne Bonny compartilharam suas identidades secretas umas com as outras enquanto se passavam por homens:

Esta era parte da evidência contra ela, que ela negou; o que, seja verdade ou não, é certo que ela não queria bravura, nem mesmo era menos notável por sua modéstia, de acordo com as noções de virtude: seu sexo não era sequer suspeito por qualquer pessoa a bordo até Anne Bonny, que não era tão reservada em Point of Chastity, teve uma simpatia especial por ela; em suma, Anne Bonny a tomou por um jovem e bonito companheiro e, por algumas razões mais conhecidas por ela mesma, descobriu seu sexo pela primeira vez para Mary Read; Mary Read, sabendo o que ela faria e sendo muito sensível à sua própria incapacidade dessa forma, foi forçada a chegar a um entendimento correto com ela e, portanto, para grande decepção de Anne Bonny, ela a deixou saber que ela também era uma mulher. ; mas essa intimidade perturbou tanto o capitão Rackam, que era o amante e galante de Anne Bonny, que ele ficou furiosamente ciumento, de modo que disse a Anne Bonny que cortaria a garganta de seu novo amante, portanto, para acalmá-lo, ela o deixou no Segredo também. (DEFOE 1999 [1724], p. 221, tradução nossa)⁷

Defoe retrata a forma como Anne Bonny se comportava da seguinte maneira:

Ela tinha um temperamento feroz e corajoso, portanto, quando ela estava sob condenação, várias histórias foram relatadas sobre ela, muito para sua desvantagem, como que ela havia matado uma criada inglesa uma vez em sua paixão com uma faca. , enquanto ela cuidava da casa de seu pai; [...] Era certo

6 No original: "[...] but there is nothing more ingenious than Love, it was no hard Matter for her, who had before been practiced in these Wiles, to find a Way to let him discover her Sex: She first insinuated herself into his Liking, by talking against the Life of a Pyrate, which he was altogether averse to, so they became Mess-Mates and strict Companions: When she found he had a Friendship for her, as a Man, she suffered the Discovery to be made, by carelessly shewing her Breasts, which were very white. The young Fellow, who was made of Flesh and Blood, had his Curiosity and Desire so rais'd by this Sight, that he never ceas'd importuning her, till she confessed what she was." (DEFOE 1999 [1724], p. 218-219)

7 No original: "This was Part of the Evidence against her, which she denied; which, whether true or no, thus much is certain, that she did not want Bravery, nor indeed was she less remarkable for her Modesty, according to the Notions of Virtue: Her Sex was not so much as suspected by any Person on board till Anne Bonny, who was not altogether so reserved in Point of Chastity, took a particular Liking to her; in short, Anne Bonny took her for a handsome young Fellow, and for some Reasons best known to herself, first discovered her Sex to Mary Read; Mary Read knowing what she would be at, and being very sensible of her own Incapacity that Way, was forced to come to a right Understanding with her, and so to the great Disappointment of Anne Bonny, she let her know she was a Woman also; but this Intimacy so disturb'd Captain Rackam, who was the Lover and Gallant of Anne Bonny, that he grew furiously jealous, so that he told Anne Bonny, he would cut her new Lover's Throat, therefore, to quiet him, she let him into the Secret al.so." (DEFOE 1999 [1724], p. 221)

que ela era tão robusta, que uma vez, quando um jovem companheiro iria se deitar com ela, contra sua vontade, ela o espancou tanto, que ele ficou doente por um tempo considerável. (DEFOE 1999 [1724], p. 229, tradução nossa)⁸

Embora trate-se de sujeitos de classes subalternas, a ideia de que tais uma mera reprodução do formato das relações de gênero ou de sua performance – as masculinidades – presentes nas camadas altas da sociedade é um caminho interpretativo que desconsidera a complexidade de tais relações. Arlette Farge em seu texto *Virilidades populares*, indica que

Mesmo pouco letrados, os homens do povo vivem do nascimento à morte numa sociedade que os forma, inscrevendo neles códigos de conduta que às vezes eles têm a possibilidade de acompanhar, e às vezes de recusar. (FARGE, 2013, p. 286)

Em consonância, Raewyn Connell, em seu trabalho intitulado *Masculinities* (1995), propõe que as diversas formas de masculinidade são padrões de comportamento moldados pelas relações de gênero. Essas masculinidades são, portanto, históricas e são influenciadas pelas estruturas sociais em que são construídas. Segundo Connell, a construção das masculinidades é um processo dialético que depende fortemente das mudanças em outras esferas sociais. Além disso, as masculinidades são constantemente reconstruídas e variam de acordo com o contexto em que são observadas. Por essa razão, as dinâmicas da construção das masculinidades variam de acordo com as configurações sociais em que estão inseridas (CONNEL, 2005, p. 36).

Ao analisar os casos de Bonny e Read, nota-se que até o momento em que seus disfarces foram descobertos, as piratas não eram vistas apenas como homens, mas também como indivíduos que desempenhavam papéis masculinos habilmente dentro daquela comunidade, como o trabalho de marinheiro. Sob essa perspectiva, é evidente que, nesse contexto, as masculinidades não dependiam apenas do corpo sexuado com gênero definido, mas sim de outros aspectos de desempenho. Ou seja, é possível notar comportamentos considerados masculinos em indivíduos biologicamente identificados como mulheres. Em consonância, Connell afirma que:

As masculinidades não são programadas em nossos genes, nem fixadas pela estrutura social, antes da interação social. Eles passam a existir conforme as pessoas agem. Eles são produzidos ativamente, usando os recursos e estratégias disponíveis em um determinado ambiente social (CONNEL, 2000, p. 12, tradução nossa)⁹

Apesar de serem biologicamente identificadas como mulheres, Anne Bonny e Mary Read não deixaram de assumir papéis masculinos. Isso se deu porque uma das facetas das masculinidades piratas, embora intimamente relacionada com o trabalho físico, não está necessariamente ligada à parte biologicamente sexuada do corpo.

Podemos notar que, na hidrarquia, a masculinidade atuou como uma das expressões materiais através das quais as relações de gênero se manifestaram, especialmente no trabalho diário no mar. A maneira como essas relações eram construídas afetava e era afetada pela forma como os sujeitos envolvidos

⁸ No original: "She was of a fierce and courageous Temper, wherefore, when she lay under Condemnation, several Stories were reported of her, much to her Disadvantage, as that she had kill'd an English Servant-Maid once in her Passion with a Case-Knife, while she look'd after her Father's House; [...] It was certain she was so robust, that once, when a young Fellow would have lain with her, against her Will, she beat him so, that he lay ill of it a considerable Time." (DEFOE 1999 [1724], p. 229)

⁹ No original: "Masculinities are neither programmed in our genes, nor fixed by social structure, prior to social interaction. They come into existence as people act. They are actively produced, using the resources and strategies available in a given social setting." (CONNEL, 2000, p. 12)

nelas agiam socialmente. Embora a hidrarquia seja um ambiente predominantemente homossocial, é importante considerar o gênero como um elemento relacional que orienta as demais configurações sociais. Por fim, devido à complexidade das relações de gênero e performance de gênero, ou seja, das masculinidades, e ao caráter circunstancial e fluido da definição de pirata na era moderna, é perceptível que os estudos que buscam entender as nuances e particularidades da hidrarquia devem incorporar interpretações que levem em conta as ambiguidades, em vez de rupturas ou continuidades absolutas.

REFERÊNCIAS

- BENTON, Lauren. *A Search for Sovereignty: Law and Geography in European Empires, 1400–1900*. New York: Cambridge University Press, 2010.
- BLOCH, Marc. *Apologia da história ou o ofício de historiador*. Rio de Janeiro: J. Zahar, v. 200, 2001.
- BURG, Barry Richard. *Sodomy and the Pirate Tradition: English Sea Rovers in the Seventeenth-Century Caribbean*. New York, NY: New York University Press, 1995.
- CONNELL, Raewyn. *Masculinities*. 2ª Ed. Los Angeles: Califórnia Press, 2005.
- CONNELL, Raewyn. *The men and the boys*. 1ª Ed. Sidney: Allen & Unwin, 2000, p. 12.
- FARGE, Arlette. Virilidades populares. In: CORBIN, Alain; COURDINE, Jean-Jacques; VIGARELLO, Georges (orgs). *História da virilidade*. (1. A invenção da virilidade, da antiguidade às Luzes). Petrópolis: Ed: Vozes, 2013, p. 495-523.
- KEEGAN, Nicole. *Men and Matelotage: Sexuality and Same-Sex Relationships within Homosocial Structures in the Golden Age of Piracy, 1640-1720*. Undergraduate Library Research Awards. 2021. Disponível em: https://digitalcommons.lmu.edu/ulra/awards/2021/2?utm_source=digitalcommons.lmu.edu%2Fulra%2Fawards%2F2021%2F2&utm_medium=PDF&utm_campaign=PDFCoverPages. Acesso em 06 ago. 2022.
- KERN, Arno Alvarez . Fronteira/fronteiras: conceito polissêmico, realidades complexas. *Revista História e Diversidade*, v. 8, p. 10-14, 2016. Disponível em Fronteira/fronteiras: conceito polissêmico, realidades complexas | História e Diversidade (unemat.br). Acesso em 12 ago. 2022.
- LEESON, Peter. Equal prey for equal pay: the economics of pirate tolerance. In: *The invisible hook: The Hidden Economics of Pirates*. 1ª Ed. New Jersey: Princeton University Press, 2009, p. 156-176.
- LINEBAUGH, Peter; REDIKER, Marcus. Hidrarquia: marinheiros, piratas e o Estado marítimo. In: *A hidra de muitas cabeças: marinheiros, escravos, plebeus e a história oculta do Atlântico revolucionário*. São Paulo: Companhia das Letras, 2008, p. 155-223.
- MACK, John. Ships as societies. In: *The sea: A cultural history*. Londres: Reaktion Books, 2011, p. 136-165.
- MAXWELL, Kenneth. Democracia Pirata. In: MAXWELL, Kenneth (org.). *Chocolate, Piratas e outros Malandros: Ensaios Tropicais*. São Paulo: Paz e Terra, 1999, p. 69-89.
- SCOTT, Joan. Gênero: uma categoria útil para análise histórica. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, vol. 20, no 2, jul./dez. 1995, p. 71-99

REDIKER, Marcus. Introduction. *In: Between the Devil and the Deep Blue Sea: Merchant Seamen, Pirates and the Anglo-American Maritime World, 1700 - 1750*. Cambridge: Cambridge University Press, 1989, p. 1-10.

TORRÃO FILHO, Amílcar. Uma questão de gênero: onde o masculino e o feminino se cruzam. *Cadernos Pagu*, v. 24, p. 27-152, 2005.

Fontes

DEFOE, Daniel. *A General History of the Pyrates*. Edição: Manuel Schonhorn. Nova York: Dover Publications, 1999 [1724].